

## Estudo de caso 2

### Entrevista com a professora Vânia Granja

Livre Docente Uniro, Mestre UFRJ

Em recente, entrevista à Professora Vânia Granja, responsável pela pós-graduação lato sensu em Arte-Terapia na UNI-Rio, conversamos sobre o que vem a ser o cerne de sua pesquisa: o processo de criação na arte. Vânia considera como o modo mais adequado para encaminhar essa questão é a interação entre seis elementos: *a) psique b) forma c) linguagem d) material e) técnica f) cultura.*

A professora pensa que os educadores costumam ignorar em especial os dois primeiros e trabalham uma linguagem muito voltada para o sentido da semiótica ou para a lingüística. Costumam desconhecer a arte como linguagem, embora muitos a considerem como tal. O material seria explorado mas sem uma relação do que pode gerar com as questões da forma. Isto é, qual a manifestação, ou memória que determinado material pode evocar pelo fenômeno da forma.

Sua reflexão já nos remete ao eixo da presente pesquisa: a memória evocada pelos materiais e as formas influentes, aproximando-nos diretamente dos itens *psique e forma,*

buscando a coerência entre função e forma, representando a essência de um objeto e não o seu aspecto utilitário. É um exercício para se perceber como a forma pode traduzir propriedades físico-químicas de um material. Remete-nos portanto, ao aspecto da comunicação, da mensagem veiculada por um objeto, como uma flor que se apresenta na Grande Natureza, por exemplo. Não precisamos, necessariamente, utilizá-la em qualquer outro espaço ou modo, mas apenas contemplá-la e usufruir da transmissão de paz, beleza, harmonia.

A técnica como um aprofundamento também é pouco abordada, de acordo com Vânia, pois geralmente as pessoas se referem ao aprendizado de uma técnica em arte-terapia. A educadora diz que a técnica deve vir no momento em que já existe uma maturidade de quem está num processo de criação, para achar seu modo individual de pesquisa, para melhor se apropriar de um caminho, de um

conhecimento. Podemos relacionar sua observação à teoria da Gestalt que traz a percepção da forma a nível sensorial, explorando a integração dos sentidos, e a nível do mental, pela elaboração das funções sentimento / razão, para se estabelecer as várias relações do objeto em questão. (Carvalho, Mello e Amorim, 1998:79-80). Já que a arte pode ser vista como a mediadora da razão (Cruz, )

Fayga Ostrower também destaca a importância desta relação *psique / forma / linguagem / material* ao comentar espaço e expressão

*(...) Queria mostrar o que significa o conceito FORMA = CONTEÚDO, em termos de estrutura espacial. Assim resumido, o problema pode parecer por demais seco e abstrato. Mas, na realidade não o é. As noções de espaço não são difíceis de serem seguidas, uma vez que tomemos conhecimento delas.*

*Descobrir o espaço e descobrir-se nele, representa para cada indivíduo uma experiência a um só tempo pessoal e universal. A partir dos primeiros movimentos físicos do corpo, a criança começa a ensaiar o espaço, a discerni-lo e a conhecê-lo, a vivenciá-lo, vivenciando a si mesma, consciente e inconscientemente. São processos que se interligam ao próprio curso de estruturação da percepção consciente, às possibilidades da pessoa sentir e pensar-se dentro do ambiente em que vive. (Ostrower, 1983:30)*

Observei à professora que os educadores costumam ignorar a cultura como contexto do repertório individual, e não vão do geral para o particular, como nos orienta Comênio (REF). A psique representa o desconhecido, portanto o que, num primeiro olhar, seria a abordagem mais complexa. Determinantes situacionais podem ajudar a narrar o processo de percepção, de acordo com psicólogos gestaltistas (Carvalho, Mello e Amorim, 1998:81). É uma aproximação do conceito de *campo* ou *espaço vital* onde as várias experiências de família, escola, trabalho, refletem-se sobre o comportamento do sujeito, pensando o mundo como uma rede onde todo ponto influencia o movimento do todo, num

fluxo constante de trocas. Como nos delinea Kurt Lewin (1890-1947), teórico gestaltista que não se deteve no estudo da percepção mas encaminhou-se para “necessidades, personalidade e fatores sociais” (Carvalho, Mello e Amorim, 1998:81). pensando o mundo como uma rede onde todo ponto influencia o movimento do todo. Trata-se de uma atitude que não traduz o conceito da psicologia profunda, concebida pela psicologia analítica, revelada por Jung e pela psicanálise. Atém-se ao comportamental.

Vânia Granja trabalha com o pensamento junguiano; na construção dessa estrutura da psique, vê-se o *eixo* dos planos vertical e horizontal como a representação do *complexo do ego*, sendo esse composto por quatro funções estruturantes, complementares duas a duas: a sensação e a intuição, o sentimento e o pensamento. Essas funções juntas, continua a educadora, é que vão estruturar toda as possibilidades de apreensão e de expressão do ser humano. Vânia ainda nos diz que nas escolas, de um modo geral, prevalece, com um grande peso, o aspecto do pensamento, muito pouco o da sensação, o do sentimento é “nulo”, e o da intuição, é mais desprezado ainda.

Ou seja, a relação do *sentir/ pensar/ fazer* é bastante fragmentada, impedindo o sujeito, desde o período da educação infantil, de manifestar, com clareza, os seus sentimentos, as suas idéias, a sua vontade ou seu querer. Estamos defasados não de um modo centrado em nós mesmos, mas de uma contribuição bem-vinda para um todo, minizando possibilidades concretas de valores como a solidariedade já que nossa cooperação é retalhada desde a primeira infância, confundindo-se o sentido de disciplina com controle, autoridade com autoritarismo; o funcionamento mais pleno de uma educação planetária só poderia funcionar com a interação constante de todos os seus membros, sem exceção. Como ocorre no processo vital à nossa volta, na Grande Natureza. O desconhecimento ou ignorância das leis da Natureza acabaram por afastar o homem da lei da identidade *espírito (conteúdo) / matéria (forma)*. Os elementos usados nessa pesquisa, o bambu e as flores evocam uma ressonância de nossa própria natureza, por

sua constituição e formas, lembrando-nos como um organismo e não como partes fragmentadas, soltas no tempo e no espaço vital. Como referência e contribuição dessa memória, o Movimento Mundial Mokiti Okada, criado no Japão nos anos 30 e difundido mundialmente (ver anexo) sustenta que

*Nunca a civilização teve tamanha capacidade de agredir o meio-ambiente. (...) os arranjos florais do Ikebana (método de vivificação floral) não são simples trabalhos de organização de flores, mas estão relacionados a uma forma de cultura milenar que visa a harmonização entre as atividades humanas e a natureza (...) Assim ao introduzir na vida diária o conceito do Belo, o Ikebana proporciona às pessoas uma possibilidade a mais de perceber que a natureza e o ser humano estão íntima e indissoluvelmente ligados (...) (revista Johrei, a energia do Novo Milênio, São Paulo / SP: Mythos Editoras, 2000, p.28).*

É o desejo que faz florescer nossa relação consciente / inconsciente; a expectativa do “devir” narrado por Delleuze, ou as inúmeras possibilidades de realização que nós temos ao nosso dispor, como seres humanos feitos à imagem e semelhança do Supremo Criador do Universo, narrado em todas as tradições.

Não é por acaso que o processo terapêutico ocidental, em especial a linha transpessoal, com origem na psicologia analítica, vem buscando mais e mais os caminhos desenvolvidos por ensinamentos místicos orientais como o budismo, a yoga, o taoísmo e o sufismo. Raissa Cavalcâni, terapeuta transpessoal, nos convida para esse olhar e escuta:

*A visão holística influenciou e se estendeu a todas as áreas da ciência. Ilya Prigogine, químico, físico e filósofo belga ganhou o Prêmio Nobel 1977 por sua teoria das estruturas dissipadoras, na qual afirma que o mundo vivo é probabilístico, estabelecendo assim a ponte entre a biologia e a física. ‘Estruturas dissipadoras’ é a expressão que ele empregou para*

*denominar os sistemas abertos, mostrando que quanto mais complexa ou coesa é uma estrutura, maior a instabilidade e maior a quantidade de energia que terá de ser despendida para manter a complexidade de todas as conexões envolvidas. Como essas conexões só podem ser mantidas por um fluxo de energia, o sistema se encontra sempre fluindo. (...) É a instabilidade que leva à transformação. (Cavalcanti, 2000:110)*

Jean-Yves Leloup, padre ortodoxo e terapeuta transpessoal, numa parceria com Leonardo Boff, teólogo católico, em sua obra “Terapeutas do Deserto” remete-nos ao estado de meditação praticado pelo zen-budismo que desenvolve uma espécie de “tela mental em branco”, para vivermos um “momento de vazio”. “Neste momento de vazio”, descobrimos a alteridade do ser, uma outra consciência (...) No vazio de nós mesmos será gerado o filho, será gerada a filha de Deus. (...) Quer dizer que nosso corpo, nosso psiquismo, nosso mental quando estão em estado de silêncio deixam passar a Grande Vida.” (Leloup, 1997:27) in Leloup, Jean-Yves e Boff, Leonardo. Terapeutas do deserto: de Fílon de Alexandria a Graf Dürckeim. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997). Refere-se às condições de concentração, contemplação e meditação como pré-requisitos para nos darmos atenção e resgatarmos o olhar para o outro. Como meio para se desenvolver a intuição.

... o número, as imagens que saem de dentro de nós, são conseqüências dessa essência universal que, na Filosofia da Arte, a gente chama de Forma.

Mas, que em outros espaços, onde essa essência é refletida, estudada, ele tem outro nome; como, por exemplo, o Espírito Santo, no pensamento Cristão. O mercúrio, dos alquimistas, dentro da reflexão da grande obra, da alquimia. O Anthropos, dentro da Gnose; quando a gente pensa no deus egípcio “Thot”; o deus “Hermes”, o deus da revelação.

Quer dizer são todos signos que dizem dessa essência. Está em nós, em tudo e que nos impulsiona a uma organização e a uma compreensão desse mundo. Quando você por exemplo, vê as formas geométricas que estão dentro de nós, no olho, no óvulo, nas células, e estão fora também, nas construções maravilhosas das teias de

aranha, dos favos de mel, de tudo isso, a gente vê que essa essência, ela vai amalgamando, vai construindo toda a Vida. Todo o processo de Vida.

Então, a minha tese é a Forma na Construção da Linguagem Plástica. Eu priorizo sempre essa reflexão sobre o sentido de forma. E quando começo sempre as minhas aulas, tanto no curso “Pós-graduação em Arte-terapia, como Educação e Estética”, eu trago uma frase do Jung que indaga: “que substrato é esse que une todas as coisas?”

Na realidade, a resposta é a forma. E o Jung também tem uma frase muito linda: “Existe um a priori inconsciente, como o impulso do homem para criar formas. E esse impulso é a emergência dos arquétipos...”

Ou seja, que é dessa matriz original ou desse caos primordial que vem a possibilidade de todo conhecimento. O caos primordial é a base de todo conhecimento.

Então, a forma, quer dizer, essa essência primordial que está no homem e em tudo, é esse elo organizador de toda a natureza.

Para Jung, inclusive, a libido ela transpassa o homem. Está dentro do homem e fora do homem. Está dentro do homem e fora do homem. A libido não é uma coisa que está apenas na cabeça. No crânio; é algo que transpassa o homem, está em toda a natureza. E essa força organiza tudo e nos organiza.

E no espaço da arte, a gente chama de Forma.

(Vi) Ainda retomando o tema fractal, pode-se dizer que ele representaria esse caos das formas, dentro e fora de nós, e que possui aquele centro que administra a forma. Enfim, um eixo de sustentação.

(Va) O fractal é uma outra forma que os matemáticos e o pessoal que trabalha computação, descobriu para compreender as formas da natureza.

Então, as formas das nuvens, dos blocos de neve, são formas que são “fragmentadas”, entre aspas, mas que sugerem uma organização. Como o próprio

caos. O Caos é o precursor de uma Ordem... Como é o nosso inconsciente. Como diz Jung, é a instância mais profunda de nós mesmos. É a instância psicóide, é a instância escondida, mas que é aí, a base de todo o conhecimento. E essa instância, ela não tem a forma já estabelecida...

Ela tem uma forma caótica, mas é essa forma que vai impulsionar, através da nossa função simbólica. Chega à nossa consciência e é através dos símbolos, que vamos propiciando uma organização de nossa consciência.

E, os fractais, estão mostrando a mesma coisa... Que na natureza, existem formas que não estão dentro de uma geometria euclidiana, mas são formas virtuais.

Elas têm uma organização natural.

(Vi) Um vir-a-ser, uma possibilidade. Existe um eixo.

(Va) O eixo... não sei bem o que você está dizendo. É como Jung fala; existe em tudo, uma organização prévia de comportamento. Em toda a natureza. Como, por exemplo, num formigueiro.

O fenômeno da Miracema, a teia de aranha, o favo de mel; a natureza tem esse poder de se auto-organizar. E o Jung diz que, dentro de nós, de nosso parquismo, também tem um comportamento autogovernável. O que vem a ser isto, o nosso inconsciente, a nossa força inconsciente, através de função simbólica, ela organiza a consciência.

Através da nossa possibilidade de conviver com os símbolos que se apresentam a nós; pode ser até uma doença, uma topada, no meio da perna, uma dor-de-cotovelo; são símbolos que se apresentam para serem organizados.

Então, essa força primordial que tem vários nomes, dependendo do espaço em que está sendo estruturada, são forças que nos dizem que: em tudo existe um impulso de organização.

A natureza ao redor, traduz isso.

(Vi) Mesmo que às vezes o contexto pareça adverso a esse movimento.

(Va) No começo é o caos primordial, a coisa caótica. Mas é desse caos que vem a possibilidade de toda a organização.

(Vi) Está ótimo; muito obrigada!

(Va) De nada.

(Va) (...) Justamente pela compreensão da linguagem.

(Vi) Não seria tanto pela técnica, nem pela...

(Va) Inclusive quando dizem “vou aprender uma técnica em Arte-terapia”, fico com a orelha em pé. Para mim, isso não existe. Como você leu aquele meu artigo com os elementos que interagem na criação. (Compreensão da psique, forma, material, linguagem, técnica e cultura).

Sinto a técnica como um momento de amadurecimento da pessoa que está criando.

(\*me envenenar minha experiência com a escolha do bambu).

Já tem a sua linguagem pessoal para desenvolver uma técnica. “Ah, vou dar uma técnica disso ou daquilo...” Está se dando uma proposta! Uma problematização. A técnica vai ser construída com muito amadurecimento no processo de cada um.

(Vi) Mas acompanha...

(Va) É uma pesquisa pessoal. No sentido mais profundo da palavra.

(Vi) Explicado; eu só fui mergulhar no bambu nos seis últimos meses da pesquisa do mestrado. Percebia, intuitivamente que deveria ser assim.

Já respirava bambu, barro sentia que devia surgir a imagem. E acabou indo para o bambu pois é do que eu estou precisando, estruturar. Amarrar o nó. Eu estava em um pertencimento de fato.

E só por isso levei o bambu para a aplicação prática no Colégio Ignácio Azevedo.

Eu vivenciei, a fundo.

Comprovo então, que o vital é a compreensão da linguagem, no material utilizado.

### **Entrevista com José Luiz Mendes Ripper.**

(Ri) Há essa coisa da forma mesmo. Os fractais estão presentes em toda a natureza. Da fração. O tema fractal foi mais desenvolvido pela computação porque sendo fração, é muito difícil lidar com fração, sem o auxílio do computador. Há cálculos muito extensos.

A computação levou para frente essa pesquisa permitiu uma série de pesquisas. Nessa parte da matemática em si e nessas formas que você representa através da computação gráfica, por exemplo: O que os desenhos animados trazem.

Antes do surgimento da computação os artistas conseguiam representar no desenho, pintura, todas as grandes variações de formas que existem na natureza. Da melhor ou pior maneira, mas consegue fazer.

Quando começou a trabalhar com o computador, com geometria não fractais, as formas começaram. Aparecendo muito duras, redutoras da variedade que se via numa árvore, por exemplo. Apareciam aquelas árvores meio “geometrizadas”.

### **Gravação da aula de Ângela Phillipini\* na UniRio, no curso de Pós-graduação em Arteterapia, coordenado pela professora Vânia Granja**

\* Psicóloga, arteterapeuta, artista plástica

(..) A partir dessa tomada de consciência, com certeza transformando o ambiente aonde nós estamos. Nós estamos em Rede, o que um faz, o outro está recebendo; então naturalmente a questão inconsciente se torna consciente para o grupo que está participando e isso independe do que seja originalidade.

Isso não é original, está dentro da gente...

(...) Estou trazendo um trabalho que tenho feito na rua, com Arte-terapia em áreas de lazer e em alguns bairros. Uma coisa que me chama a atenção é que esse trabalho feito na rua, as pessoas vão se chegando e elas não sabem muito bem o que está acontecendo. Então o que me chama a atenção; é que esse trabalho, feito na rua, as pessoas vão se chegando e elas não sabem muito bem o que está acontecendo...

Quando se leva o teatro para a rua e leva os fantoches, faz um trabalho onde se convida pessoa, de qualquer idade a participar. Vê-se da criança à terceira idade, participando.

E o relato, o depoimento que tenho dessas pessoas é aquela coisa de se sentir bem; dentro desse grupo tão heterogêneo. E a facilidade do trabalhar com a música, a dança, até sendo observados por pessoas de seu próprio bairro. Que jamais imaginariam que aquela pessoa estaria ali dançando, cantando, pintando. O

trabalho que tenho feito está sendo maravilhoso. Porque acho ser interessante se levar esse trabalho para a rua, também! Sair de quatro paredes.

(AP) Há um grupo de arte - educadores envolvido?

(V): É, eu ia levantar essa questão, entre a Arte-Educação e a Arte-terapia. Porque é uma coisa que eu questiono muito, por exemplo. Isso que a Rosângela falou: se isso é Arte-Educação ou é Arte-terapia?

(AP) Depende do olhar sobre o que aconteceu depois do produto criado. Nós participamos de uma experiência lá no Clínica (Pomar), nós fazemos um curso de reciclagem; e aí havia um grupo de Arteterapeutas no lugar. Onde estávamos e eles faziam um trabalho em praça pública (na França).

O trabalho se chamava Torre de Babel. A finalidade do trabalho era criar um espaço de comunicação conjunta, um espaço livre, democrático, para pessoas que não falavam a língua francesa e que ficavam nas cercanias desse lugar onde estávamos.

Eram pessoas excluídas por idade, por nacionalidade, por etnia e por tudo mais. Eram pessoas assim: de várias culturas diferentes. Eram excluídas da cultura majoritária daquele lugar e eles se excluíaam entre si, pois cada um falava uma língua diferente e, não havia como se comunicar.

E os arte-terapeutas então criaram esse trabalho e iam, em todos os sábados, para a praça pública. Falar essa linguagem universal. Que todas as pessoas podem estar falando. Aí, pergunto a você, o arte-educador também poderia estar lá? Agora, o que vai se fazer com o produto criado é o que creio, que marca a diferença. Talvez, a estratégia vista assim, a olho nu, possa ser muito semelhante.

Como é o seu nome? (pergunta a aluno, na platéia)

(V) Vanda.

(AP) Vanda, não sei se você está acompanhando um grupo muito interessante de arte- educadores que é de São Paulo. Eles criaram um instituto chamado Instituto de arte e Cidadania. Então, eles vão para a praça pública, fazer coisas. E então, eles fizeram uma rede, organizaram um banco de dados de ONGs que trabalhavam com artes.

Mas, você, olhando, em uma primeira vista, são trabalhos muito semelhantes ao que os Arte-terapeutas fazem também.

Na realidade, se você se apropriar de determinadas estratégias criativas num grupo, na realidade é passível de ser feito com muitas pessoas. Eu por não saber muito bem que caminhos iríamos estar seguindo aqui, achei que iria se construir ao longo do convívio, eu trouxe alguma coisa sobre transdisciplinaridade. Penso ser esse o ponto, não? Nem Arte-terapeutas, nem arte-educadores, nem psicólogos, nem terapeutas educacionais, nem isso, nem aquilo. São pessoas que trabalham com o processo CRIATIVO em Rede. Aí, creio que estamos bem.

(Va). Só queria falar de uma experiência que tive, também como arte-educadora. Dentro de uma penitenciária. Participei de uma ONG que fazia um trabalho de Arte e Tecnologia. Arte e Computadores. A proposta era trabalhar o processo criativo, usando o computador, através da Arte e Materiais de Arte.

E eram todos presos da Lemos de Brito. Aqui da Frei Caneca. Em segurança máxima. E fiquei muito surpresa. Não havia nenhum objetivo terapêutico. Mas fiquei muito surpresa com essa questão social que surgiu e com as coisas que foram aparecendo através do trabalho de Arte. E acabaram fazendo jornal, teve um evento do Portinari, em papel reciclado, fizeram uma fábrica em papel reciclado e as coisas foram se desdobrando de uma forma muito positiva para eles. A intenção era arte-educação. E sempre que me pergunto sobre isso, vejo que a questão é a transdisciplinaridade, mesmo.

(AP) É, cada um com seu patrimônio de conhecimentos, inicial, não é? Vai poder se inserir num espaço que é coletivo. E, afinal, de quem é a Arte, de quem é o processo criador? É de todos nós. É um patrimônio... Felizmente, agora, nós temos instalado e instaurado ESSA QUESTÃO DO PATRIMÔNIO NO IMATERIAL. Começa a se valorizar essas coisas que não são tão concretas. Iniciativas de desdobramentos, entre aspas, mas de “fazeres criativos” que são considerados patrimônios imateriais.

Então, eu trouxe algumas coisas de reuniões que a UNESCO fez sobre transdisciplinaridade.

Talvez a gente pudesse começar por isso daqui, não é? Que é essa civilização em escala planetária que é fortalecida por um diálogo intercultural e se abre em validade de cada um e há interesse de ser.

Eu creio que nós podemos deixar um pouco a nossa questão sobre qual graduação de origem, nós temos, mas como nós podemos estar trabalhando em conjunt, através do PROCESSO CRIATIVO.

(AP) Talvez uma das idéias com a qual eu goste de trabalhar. Já que estamos em rede, em grupo, cada um com seu próprio patrimônio inicial de conhecimento, vamos construir esse campo coletivo. E a Arte-terapia é um lugar onde realmente se entrecruzam os saberes. Não há uma tendência aqui, ali, ou acolá, mas um somatório de informações que vem de diferentes áreas de conhecimentos.

Ainda sobre a questão transdisciplinar... penso que o fazer criativo é essencialmente transdisciplinar, como uma visão também ecológica (Ecologia: paz na casa, a não agressão, - Nelson). Agora, pra quem estava falando da experiência de Lemos Brito, não sei se você chegou a acompanhar, há uns anos atrás houve, lá, uma experiência de uma artista plástica Demira Gonzalez. Você chegou a saber(...) Ela foi fazer um trabalho de Artes na Lemos Brito.

(VA) Escritora?

(AP) Também. Ela fez um livro publicado por uma editora “Meus Pontos(?)” que se chama “Apoios algemados” (ver na Internet/WAK). Ela fez esse livro a partir da experiência lá, na Lemos de Brito. Só que para reforçar essa idéia de “um fazer criativo”, ela tem como que círculos concêntricos que vão se alargando, se alargando; ela a princípio fez uma proposta de se iniciar um grupo de artes plásticas.

E aí, ela conta que, os primeiros internos que se interessaram, lá nos depoimentos, disseram que poderiam trabalhar com substância que pudessem ter cheiro mais forte. Isso poderia ser interessante, solventes, tintas... Depois descobriram que não era bem isso pois o pessoal trabalhava com os pastéis secos, a óleo, esta expectativa talvez não tenha sido atendida.

Mas, ela vai indagando como aquelas pessoas, aqueles homens começaram a se alargar dentro de uma situação de xxx, através da descoberta de possibilidade de criar e expressar as próprias imagens.

Foram assim depoimentos muito interessantes, falando de como eles deviam sentir alívio, apesar daquela delimitação. E o desdobramento, foi e o pessoal que estava em grupo, começou a fazer um grupo de discussão.

E aí, começaram a levar isso para o pátio, para a hora do banho de sol. E aí isso começou a ter um efeito multiplicador e essas reuniões do “banho de sol” é que eram fortalecidas dentro do Atelier de Artes Plásticas. Eles começaram a reivindicar coisas que tinham a ver com a situação dentro da casa prisional.

O grupo teve um breve percurso depois das primeiras reivindicações. Essas tinham a ver com mudanças dentro da casa prisional. Mas se a gente recupera desse percurso, a trilha que Atamis nos abriu, essa questão: Faço Artes, transformo, a nível individual e isso vai indo num nível coletivo, também.

(Va) Só queria contar rapidamente como aconteceu, numa dessas aulas (na Lemos Brito), nós convidamos o projeto Portinari. Fizemos uma parceria. E eles ensinaram aqueles homens que estavam lá, a montar uma exposição, com as réplicas, como é que se colocavam, como montavam os quadros... Como se colocava o título. Porque no dia de visita, os filhos e as esposas iriam lá ver a exposição.

Eles ficaram tão mobilizados por inclusive, se identificarem com algumas imagens do Portinari pois eram homens caboclos e eles diziam: “ Eu não sabia que existia esse pintor; eu não sabia que ele tinha feito a mim...” E aí, a partir disso, criaram um projeto chamado “Projeto Uma Chance”, onde, aos sábados, o dia de visita, (deve estar até hoje), eles recebem os filhos, os familiares e ensinam o uso do computador para as crianças, as visitas.

E outro projeto que saiu daí, foi o projeto de papel reciclado, a fábrica de papel reciclado onde eles faziam envelopes, pastas, enfim... cartões a partir também de um pequeno projeto chamado “Arte e Tecnologia”.

Fiquei muito impressionada como a coisa foi crescendo...

(AP) Já que você se lembrou dessa coisa do papel reciclado, tem uma pessoa em Brasília, não me recordo de seu nome mas sim do nome do livro, feito por ela: como produto de uma tese de mestrado, em que sua hipótese, isto é, o nome do seu trabalho é “Além do Lixo”. E ela justamente fazia oficinas de papel reciclado, com população de periferia e ela gostava que quando a pessoa coletasse, manuseasse o papel, tingisse, produzisse, alguma coisa se transformasse na consciência daquela pessoa.

De como ela se relacionava com o meio-ambiente, com elas mesmas. E realmente conseguiu em trabalho bem interessante e ela fundamenta seu trabalho nos estudos da Psicologia Junguiana.

Ela então faz uma relação da Sombra, com o “lixo interno” e o lixo que se joga por aí, no meio-ambiente. E os processos de Alquimia.

Então, é um livro bastante interessante e que vai falar com o nosso fazer criativo que vai se desdobrando, se desdobrando... E aí voltamos à trilha, aqui.

(jun/julho 2005 – UniRio)

## **Entrevista com Marise Piloto**

Psicopedagoga, arteterapeuta

Marise Piloto participou de um evento no Projeto “As três Ecologias” realizado recentemente no Parque Laje, envolvendo o Design e a Arte-Terapia, em dinâmica de grupo. Utilizou-se o bambu, explorando-se a treliça pantográfica, trabalhando-se a memória evocada pelo material e a forma influente em nossa percepção, pelas funções sensação / intuição, e pensamento.

A verificação foi feita utilizando-se pressupostos teóricos da Gestalt, como Psicologia da Forma, incluindo o pensamento de Kurt Lewin (1890-1947) pela sua contribuição ao conceito de **campo** como espaço vital: esse é constituído pelos vários espaços cotidianos do sujeito, entre eles, o da família, da escola, da comunidade, que influenciam sua percepção acerca de si mesmo e da realidade que o cerca e portanto, as suas atitudes. “O real está assim ligado à percepção daquilo que está mais presente para o indivíduo em seu espaço vital, naquele momento.” (Carvalho, Mello, Amorim, 1998:80). Vai ao encontro do que a neurobiologia estabelece sobre nossa plasticidade cerebral que se dá a partir de estímulos situacionais que intervêm no processo de percepção. Favorecendo a (re)organização de sinapses ou encontros neuronais.

àquilo que se evidencia no espaço real, em determinado momento, indo ao encontro da bioquímica que nos diz que todas as nossas formações moleculares estão continuamente mudando de constituição e de lugar em nosso organismos

Trabalha-se a questão de figura e fundo, no sentido de amplificar determinado símbolo que surge em seu desenvolvimento, que se destaca entre outros, com outros materiais como a tinta, o desenho, a argila, para transformá-lo num sinal. Esse elemento representa um recorte do momento do sujeito, que fará parte de uma produção contínua, de um processo. Será verificado através dos sentidos do

movimento das linhas e cores que vierem a ser aplicadas. É um dos pressupostos da teoria da Gestalt, realçando a contribuição de Kurt Lewin (QUAL?)

A psicopedagoga e arte-terapeuta afirmou que sentiu um grande prazer e alegria com a atividade; comentou que se adultos como ela conseguem interagir com a proposta, apesar de toda uma bagagem, uma experiência que bloqueia a entrega ao lúdico, ao inédito, por um certo receio do desconhecido, a facilidade será muito maior para alunos adolescentes, pessoas mais jovens.

Marise acredita que esse trabalho pode ser aplicado em várias faixas de idade, a partir de crianças pequenas. Ela deixou a treliça em seu atelier arte-terapêutico e diversos pacientes, de idades variadas se envolveram com sua experimentação, descobrindo a flexibilidade e maleabilidade da forma, incluindo um indivíduo com “Síndrome de Down” cujo período de envolvimento com o objeto superou as expectativas. Trata-se de alguém com impedimentos orgânicos para uma elaboração da forma mental, do raciocínio abstrato, ou seja, para estabelecer as várias relações do objeto em questão; em sendo assim, seu pensamento demanda um tempo maior para aglutinar as idéias, elaborar os sentimentos, geralmente detém-se em processar a forma pela atividade sensorial, por um tempo relativamente curto. Porém apresentou concentração no movimento de abrir e fechar a treliça, explorando as qualidades do bambu, pela visão e tato.

Marise, ao observar o manuseio descrito por seus pacientes, verificou que a treliça atende ao terapêutico e ao cognitivo, incluindo a aprendizagem da coordenação motora fina, a percepção do tônus muscular fino e grosso, detectado principalmente pelo menino “Down”. Um outro paciente encantou-se com a possibilidade de montar estruturas, a partir de algumas varetas de bambu e um pedaço de linha. E decidiu-se a criar uma forma de pipa mas com um tipo de nó tracionado, evitando o nó descrito como “ômega”; esse favorece o processo intuitivo por conter uma forma fractal, isto é, inclui duas formas complementares que se repetem ao infinito, gerando uma continuidade que pode crescer em qualquer direção.

A forma treliça pantográfica favorece as funções *sensação*, pelo tato, pela visão, evocando nossa capacidade de estruturação da forma e *intuição* pelo movimento do *crescendo contínuo* como foi narrado, sobretudo quando envolve a elaboração do nó “ômega”. Desenvolve nossa capacidade de estruturação do *pensamento* ao delimitar a medida das varetas, a marcação dos vários entrelaçamentos.

### **Treliças desenvolvidas durante a pesquisa**



*Junho 2004*

Alunos em aula  
no Instituto A Vez do  
mestre na UCAM  
Unversidade Cândido  
Mendes rio RJ.  
*Curso de ArteTerapia  
em Educação e  
Saúde,pós-graduação  
Lato Sensu*



**PUC LILD Laboratório de Living Design – aulas com o prof. Mário 2005**



**PROJETO AS TRÊS ECOLOGIOAS**

FAMLI A ESCOLA COMUNIDADE professores familiares em atividade 2005

